

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
17 e 22 de Abril de 2024
IR AO CINEMA EM 1974

PROFUMO DI DONNA / 1974 Perfume de Mulher

Um filme de Dino Risi

Argumento: Ruggero Maccari e Dino Risi, baseado no romance “Il Buio e il Miele” (1969), de Giovanni Arpino / *Director de fotografia (35 mm, Technicolor):* Claudio Cirillo / *Cenários:* Lorenzo Baraldi / *Figurinos:* Benito Persico, Sergio Soldano / *Música:* Armando Trovaioli / *Montagem:* Alberto Galliti / *Som:* Vittorio Massi / *Interpretação:* Vittorio Gassman (*Fausto*), Alessandro Momo (*Ciccio*), Agostina Bella (*Sara*), Moira Orfei (*Mirka*), Franco Ricci (*Raffaele*).
Produção: Pio Angeletti e Adriano di Micheli, para a Dean Film (Roma) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia mundial:* Itália, 20 de Dezembro de 1974 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Tivoli e Caleidoscópio), 28 de Janeiro de 1976 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 13 de Outubro de 2000, no âmbito do ciclo “Homenagem a Vittorio Gassman”.

Trigésima-sexta longa-metragem de Dino Risi, **Profumo di Donna** é um *star vehicle* para Vittorio Gassman, que ficou mundialmente famoso em papéis de aldrabão ou irresponsável nas comédias italianas, mas que vem do teatro onde representou papéis clássicos sob a direção de grandes encenadores, entre os quais Luchino Visconti. O filme foi feito sob medida para a *persona* cinematográfica do galã, já maduro (52 anos), mas ainda sedutor. E é um exemplo de um certo cinema italiano que morreria definitivamente nos anos 80, baseado essencialmente no argumento (mais exatamente, na astúcia dos argumentos, que geralmente versavam, sobre personagens igualmente astuciosos, campeões do engodo, da *truffa*) e no desempenho dos atores. Cinema derivado da chamada *comédia à italiana*, cujos elementos são renovados com tons grotescos, cruéis ou sentimentais. Nos melhores casos, temos pequenas fábulas, contos cinematográficos. Não poucos cineastas ilustraram-se neste domínio eminentemente italiano, que teve seguidores e imitadores em terras variadas, da América do Sul ao Oriente Próximo. Este tipo de filmes era produzido com uma certa abundância e exportado. Para ficarmos por exemplos famosos, lembremos que no mesmo período e na mesma veia de **Profumo di Donna** foram feitos outros conhecidos filmes igualmente derivados da *comédia italiana* clássica, como **Bruti, Sporchi, Cattivi, Splendor e Miseria di Madame Royale, Venga a Prendere il Caffè... da Noi**. Este tipo de filmes era apenas a face mais visível do cinema italiano, ao lado do cinema dos “grandes mestres”, eles próprios muitíssimo diferentes entre si (Visconti, Antonioni, Fellini), de Pasolini, Ferrerri, dos telefilmes educativos de Rossellini, dos realizadores vedetas do cinema moderno (Bertolucci, Bellochio), dos autores-para-o-grande-público (Cavani, Wertmüller, Petri, Rosi), dos veteranos em atividade (Lattuada, Monicelli), de cineastas isolados (Piscicelli, Giuseppe Bertolucci) e de cineastas mais experimentais, para não falarmos em cineastas que ilustravam géneros específicos (Dario Argento, Mario Bava) e nos derradeiros *westerns spaghetti*. Isto vem lembrar-nos a vitalidade do cinema italiano até à sua morte súbita (e posterior ressurreição?) e prova também que naqueles longínquos tempos, havia cinematografias com características eminentemente nacionais, não homogeneizadas, embora não isentas de estereótipos.

A presença de Gassman em **Profumo di Donna** é a de uma *star*, alguém que evoca para os espectadores personagens precisos, heróis ou fanfarrões. Mas Gassman não é apenas uma vedeta, é um ator. Deve *compor* o personagem de um cego, mas

desincumbe-se deste trabalho com uma deliberada falta de meticulosidade aparente e de ostentação do ofício de ator (numa palavra, com uma falta de *cabotinismo*) que nunca passaria pela cabeça de um ator americano, sobretudo se este for vítima do Método, o que é precisamente o caso de Al Pacino, protagonista do *remake* americano do filme. Por outro lado, por ser um *star vehicle*, o filme não desenvolve um dos principais temas que propõe: a relação do par formado por Fausto (nome que não pode ter sido escolhido ao acaso) e Ciccio, a relação entre o velho e o jovem, o patrão e o criado, o cego e o guia. O título do filme, *perfume de mulher*, é uma versão mais elegante do *odore di femmina* a que se refere o Dom João de Mozart e da Ponte (*perfume* e *mulher* são palavras inegavelmente mais refinadas do que *odor* e *fêmea*). Mas na sequência em que Fausto e Ciccio percorrem uma rua de prostitutas em Génova Fausto fala precisamente em *odore di femmina*, citando a ópera sem mencioná-la e criando um óbvio paralelo entre o par Fausto-Ciccio e o par Dom João-Leporello. Mas esta alusão, que o espectador pode não perceber sem que isto oblitere a sua percepção do filme, é a única tentativa dos seus autores de conotá-lo com elementos culturais que lhe são exteriores. Como um *road movie*, género com o qual tem ténues analogias, **Profumo di Donna** desenrola-se numa viagem, em que os protagonistas percorrem a Itália do Norte ao Sul, das regiões mais frias às mais ensolaradas, com a busca simbólica e inconsciente da luz pelo cego: vão de Turim a Nápoles (a primeira, uma cidade cercada por montanhas, com belas praças fechadas, que lembram de Chirico; a segunda, uma cidade de cujas colinas se descortina o mar), com escalas em Génova e Roma. Como num *road movie*, os personagens fazem encontros esporádicos pelo caminho, prostitutas em Génova, padres e freiras em Roma, até chegarem ao termo da viagem, que foi planificada com método (não fosse o cego um militar) e cujo fito era cumprir um estranho pacto de amizade. Na última bobine, o filme muda de tom, deixa de ser um divertimento para tingir-se de seriedade, numa alusão indireta ao título do romance em que é baseado, *A Treva e o Mel*. Mas tudo falha e tudo fica na mesma, ou melhor, quase na mesma. Ciccio volta para a tropa, aparentemente inalterado pela aventura que viveu durante uma semana, o amigo de Fausto sobrevive. Fausto, de certa forma, perde a independência, passa a assemelhar-se ao gato castrado, ao aceitar a servidão da dependência. Risi armou uma narrativa cujas principais soluções vêm do guião, do que está escrito, misto de divertimento e fábula, de que a *mise en scène* é uma competente ilustração, um assunto de profissionais.

E Risi dá ao seu filme um eixo, um ponto central em torno do qual tudo se articula: Vittorio Gassman. As mudanças de tom da narrativa, a que não faltam elementos de *comédia à italiana* (afinal, a especialidade de Risi), são na realidade reflexos das mudanças de humor do protagonista, caçador que parece deixar-se caçar no final. Neste sentido, Gassman é mais do que a espinha dorsal de **Profumo di Donna**, é quase o co-autor do filme. Um filme que teve um eco cruel na chamada vida real: dois meses antes da estreia do filme, Alessandro Momo morreu, aos 19 anos, num acidente da viação.

Antonio Rodrigues